

# O DESLOCAMENTO IDENTITÁRIO DOS MORADORES DAS PERIFERIAS NO BRASIL: UM JOGO DE IMAGENS COMO EFEITO DO ASSUJEITAMENTO<sup>1</sup>

THE IDENTITARY DISPLACEMENT OF THE RESIDENTS OF BRAZILIAN PERIPHERIES: A GAME OF IMAGES AS A RESULT OF SUBJECTION

HELIO ARTHUR IRIGARAY<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir as possibilidades de *construção de lugares identitários* dos moradores das periferias urbanas brasileiras, quando estes se inserem no mundo do trabalho, notadamente em empresas situadas em lugares considerados, pelo discurso oficial, como melhores. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa empírica, por meio de observações sistematizadas e entrevistas, com alunos do curso de mestrado em Administração de uma universidade, cuja sede é na Baixada Fluminense, periferia urbana, e que trabalham em médias e grandes empresas, públicas e privadas, no centro do município do Rio de Janeiro. Os dados foram submetidos à análise automática do discurso. Ficou evidente a existência de um deslocamento identitário, pois estes profissionais encontraram, no ambiente de trabalho, barreiras para sua inserção e ascensão profissional por conta de sua origem social; por outro lado, ao retornarem ao lugar de origem, foram rejeitados pela família e círculo de amigos por terem adquirido hábitos e comportamentos típicos “da zona sul”. Este dilema autoidentitário, cujo palco são os conceitos de *lugar*, *não-lugar* e *entre-lugar*, resultou em três categorias emergentes: *vergonha*, *revolta* e *resignação*. Estes sentimentos revelaram que, na realidade, se trata, efetivamente, de uma questão de alteridade uma vez que, por conta de uma relação assimétrica de poder, os “periféricos” introjetam as normas, padrões e cultura dominantes.

**Palavras-chave:** Identidade. Lugar. Não-lugar. Alteridade.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the possibilities of building identity places for the residents of the Brazilian urban peripheries, when they enter the workplace, especially in enterprises located in places considered by the official discourse, as “central” and “better”. We conducted an empirical research through systematic observations and interviews with MBA students of a university, which is headquartered in the “Baixada Fluminense”, who work in medium and large companies, public and private, in downtown Rio de Janeiro. The data were analyzed by automatic speech. It was evident that there was a shift of identity, as these professionals have found, in the workplace, barriers to their integration and professional advancement because of their social origin, on the other hand, to return to the place of origin, have been rejected by family and circle friends to have acquired habits and behaviors typical “of the south.” This self-identitary dilemma, whose stage are the concepts of place, non-place and in-between place, resulted in three emergent categories: shame, anger and resignation. These feelings revealed that, in fact, it is effectively a question of otherness since, on account of an asymmetrical power relationship, the “peripheral” introject norms, standards and dominant culture.

**Keywords:** Identity. Place. No-place. Alterity.

<sup>1</sup> Data de submissão: 03/10/2012. Data de aceite: 20/09/2013. Data de publicação: 21/02/2014.

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Administração de Empresas pela FGV-EAESP e PUC-Rio, respectivamente. Bacharel em Economia pela University of Northern Iowa. Professor da FGV-EBAPE. E-mail: helio.irigaray@fgv.br.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir as possibilidades de *construção de lugares identitários* (Foucault, 1991, 1995) dos moradores das periferias urbanas brasileiras, quando estes se inserem no mundo do trabalho, notadamente em empresas situadas em lugares considerados pelo discurso oficial como melhores.

Este estudo originou-se no contato contínuo dos pesquisadores com os mestrandos em Administração de uma universidade localizada na Baixada Fluminense, na periferia do município do Rio de Janeiro. Estes discentes, sistematicamente, relatam que se percebem discriminados nas relações de trabalho em função de serem originários e residirem na periferia. Por outro lado, eles também demonstram estar cientes que, quando retornam ao seu lugar de origem, são rejeitados por terem adquirido o linguajar e o comportamento “da elite”. Como este deslocamento identitário se manifesta nas relações de trabalho? Esta é a pergunta de investigação desta pesquisa.

As periferias das grandes cidades já foram retratadas em romances, músicas e programas de televisão. Elas também servem como base eleitoral para alguns políticos e mote de programas partidários (Caldeira, 1984). Os protagonistas deste processo passaram a ser identificados por sua posição geográfica nas grandes cidades: moradores da periferia; invariavelmente, retratados como desprivilegiados socialmente. Estes já foram objetos de estudo da Sociologia e Antropologia; no entanto, eles têm sido negligenciados pela Administração. Acreditamos que a relevância deste estudo jaz no preenchimento desta lacuna. Por outro lado, reconhecemos sua limitação: ele se restringe aos alunos, com nível universitário, moradores da Baixada Fluminense, cujas percepções apreendemos entre março 2008 e abril 2010. Ademais, ao recorrermos ao uso do simbólico, como instrumento analítico, por reconhecermos que este seja indissociável do social (Castoriadis, 1982), arriscamo-nos a interpretá-lo dentro de uma lógica racional, a qual impõe suas consequências, quer as desejemos ou não (Castoriadis, 1982, p.142), o que revelaria um ranço interpretativista funcionalista, o qual conflita com as premissas ontológicas deste estudo.

Ontologicamente, pautamo-nos pelo subjetivismo, dado que corroboramos com Morin (2003), que o observador não pode ser separado de sua observação, pois, nas ciências antropossociais não se trata apenas de um observador/conceptor, isto é, de um sujeito abstrato, mas de um sujeito situado *hic et nunc* (Fortin, 2005), portador de valores de cultura de uma classe, ou seja, de uma dada socie-

dade. Ademais, acreditamos na existência de múltiplas realidades simultâneas (Baudrillard, 1971), as quais são construídas a partir da linguagem e relatos de experiências pessoais; portanto, um indivíduo e seu mundo são elementos indissociáveis (Boje, 2005). A compreensão dos significados das ações sociais deve partir da perspectiva dos próprios sujeitos, e não da visão do pesquisador (Da-Matta, 1979).

Visando a responder a pergunta de investigação, conduzimos uma pesquisa empírica, com 17 indivíduos, nascidos, criados e residentes na Baixada Fluminense, com nível universitário e experiência de trabalho em empresas de grande e médio portes, localizadas no centro da cidade do Rio de Janeiro. Valendo-nos de uma abordagem fenomenológica, os dados coletados foram submetidos à análise do discurso.

Este artigo está estruturado em cinco seções, contando esta introdução. A segunda trata do percurso metodológico; na terceira, apresentamos a contextualização do objeto de estudo: a Baixada Fluminense e seus habitantes. Na quarta, analisamos os dados empíricos à luz do aporte teórico que foi evocado durante a pesquisa de campo em si e, finalmente, na quinta e última seção, são tecidas as considerações finais.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Na pesquisa aqui apresentada, foi sob o olhar dos sujeitos – habitantes da periferia - que buscamos compreender seu deslocamento identitário, cujo significado só pode ser apreendido por meio das (inter)ações sociais, neste caso, as relações de trabalho. Esta opção metodológica se justifica na medida em que a ação humana é essencialmente a expressão de uma consciência, o produto de valores, a resultante de motivações (Calás; Smircich, 1999).

A coleta de dados se deu por meio de observações simples e de 17 entrevistas semiestruturadas. Estes sujeitos foram selecionados por conveniência (entre os 23 alunos que compunham duas turmas de alunos do mestrado acadêmico em Administração de Empresas). Dado ser este um estudo qualitativo, o que importa não é o número de pessoas entrevistadas, mas as diferentes representações sobre o assunto (Gaskell, 2002). No que tange ao perfil psicográfico da amostra, foram entrevistados 9 mulheres e 8 homens, cujas idades variaram entre 27 e 38 anos (média de 31.3 anos), sendo que 8 se autodefiniram como brancos, 5 como negros e 4 como mulatos. Estes indivíduos têm, em média, 12 anos de tempo de trabalho.

O roteiro de entrevistas foi estruturado em cinco blocos. O primeiro bloco ocupou-se dos dados categóricos e psicográficos; no segundo, buscou-se resgatar as trajetórias de vida pessoal e profissional dos entrevistados; a partir destes levantamentos preliminares no terceiro bloco foram abordadas as questões específicas sobre a identidade social de ser “periferia” e os desdramamentos percebidos por sê-lo. O quarto bloco foi dedicado a um aprofundamento sobre as interações afetivo-sociais com a família e amigos. O quinto e último bloco diz respeito às relações de trabalho: o relacionamento com os colegas de trabalho, superiores e eventuais subalternos, bem como a percepção de barreiras profissionais ligadas a oportunidades de emprego ou ascensão profissional.

Todas as entrevistas, assim como as anotações das observações simples realizadas em campo foram transcritas e geraram um relatório final. A opção metodológica de realizarmos análise do discurso das histórias de vida dos entrevistados justifica-se já que elas permitem aos pesquisadores acessar as estruturas sociais e seu funcionamento, pois as narrativas das dificuldades mais pessoais, das tensões e contradições, nas aparências mais estritamente subjetivas, acabam exprimindo as estruturas mais profundas do mundo social e suas contradições (Bourdieu, 1999). Por meio da análise do discurso o pesquisador apreende os enunciados verbais e não-verbais (Putnam; Fairhurst, 2001), os quais são, em sua essência, comportamentos comunicativos, elementos constituintes da identidade de um grupo (Charaudeau; Maingueneau, 2004).

Especificamente, nesta pesquisa, utilizou-se a sua versão francesa da análise automática do discurso (Pecheux, 1969). Essa é a versão mais crítica do método *per se* e se apóia sobre uma teoria global de interpretação, a qual articula linguística, psicanálise e materialismo histórico. Pecheux denuncia as ilusões do sujeito falante (Charaudeau; Maingueneau, 2004), bem como aquelas da semântica que as reduplica ao considerar que um discurso pode ser apreendido por meio da análise combinatória de seus componentes. Nesta vertente, a análise do discurso permite afirmar a ideia de que o sentido depende da formação discursiva a qual o discurso pertence (Charaudeau; Maingueneau, 2004).

Ao final do trabalho empírico, deparamo-nos com um grande volume de dados – anotações de campo, transcrições - a ser analisado. Para fazê-lo, optamos pelos mapas dialógicos (Spink, 2005), instrumento que se revelou extremamente valioso na categorização dos dados.

Na próxima seção, apresentamos a contextualização da Baixada Fluminense como um espaço sociogeográfico e dimensão simbólica.

## PERIFERIAS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DESTES ESPAÇOS SOCIOGEOGRÁFICOS

O Brasil, assim como os demais países do denominado terceiro mundo, apresentou intenso processo de urbanização, especialmente na segunda metade do século XX. Em 1940, a população urbana era de 26,3% do total e, na virada do século XXI, esta cifra já atingira 81,2% (IBGE, 2010). Em números absolutos: em 1940 a população que residia nas cidades era de 18,8 milhões de habitantes, e em 2000, aproximadamente 138 milhões. Esta nova realidade tem implicado na necessidade de se pensar em políticas públicas de assentamento residencial dessa população, bem como para a satisfação de suas necessidades de água, energia, transporte, saúde, abastecimento, educação e trabalho. Todavia, na prática, temos vivenciado uma verdadeira tragédia urbana brasileira: enchentes, desmoronamentos, poluição dos recursos hídricos, poluição do ar, impermeabilização da superfície do solo, desmatamento, congestionamento habitacional, retorno de epidemias, violência, desemprego (Alves, 2003).

Este crescimento urbano resultou na expansão de áreas miseráveis em torno das cidades, as periferias, as quais, a rigor, são a reificação da exclusão social dos trabalhadores livres. Como previu Joaquim Nabuco, o peso do escravismo se prolonga na sociedade brasileira, muito após sua abolição. Os trabalhadores que não conseguiram se inserir no mercado de trabalho formal, ou progredir dentro do mesmo, apelam para expedientes de subsistência para se prover de moradia na cidade. Isso significa que grande parte da população, inclusive parte daquela regularmente empregada, constrói sua própria casa em áreas irregulares ou, simplesmente, invadidas. Contudo, o grande mercado de trabalho e, conseqüentemente, a esperança de prosperidade continua concentrada nos grandes centros.

Esta realidade socioespacial de segregação da classe trabalhadora e violência são as principais características da região na qual este estudo se insere: a Baixada Fluminense. Neste termo jaz uma confluência sociogeográfica, por determinar o espaço que fica entre o litoral e a Serra do Mar, bem como os 8 municípios, com quase três milhões de habitantes, reconhecidos nacionalmente pelos altos índices de violência. Neste caso, entende-se por espaço não apenas uma região geográfica, mas a realidade concreta de uma sociedade, a qual mantém incólume as relações entre o natural e o artificial, o natural e o político (Santos, 1996).

Na dimensão do coletivo e do palpável, a Baixada Fluminense pode ser descrita pelos seus índices de desempenho econômico-sociais, (falta de) planejamento urbano, arquitetura; mas como esta realidade tangível impacta nos sujeitos e sua identidade social?

## A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DA PERIFERIA

A sociedade é composta por indivíduos que compartilham múltiplas identidades, as quais podem se sobrepôr e, basicamente, se subdividem entre as visíveis (sexo, etnia, aspectos físicos) e as invisíveis (doenças crônicas, orientação sexual, naturalidade). Elas, tão logo percebidas, geram expectativas desde a primeira interação social. E, aí, conforme assevera Goffman (1963, p. 42): “nós podemos não estar cientes das impressões que causamos e nossa identidade social virtual pode não refletir a verdadeira”. De qualquer forma, é com base nestas impressões, crenças e paradigmas que os estigmas se fundam.

As pesquisas no campo da Psicologia Social, cujos objetos de estudo foram os negros (Brigham, 1974); mulheres (Broverman *et al.*, 1972), pessoas com deformação facial (Edwards; Watson, 1980); deficientes físicos (Newman, 1976); obesos (Harris, Harris, Bochner, 1983); retardados mentais (Foley, 1979); homossexuais (Herek, 1984) e cegos (Scott, 1969), indicam uma forte correlação entre estigmatização e custos psicossomáticos. Assim, acreditamos que o mesmo valha para os moradores das periferias brasileiras, dado que estes indivíduos são discriminados e estigmatizados por suas origens.

Na sociedade brasileira, ter nascido, sido criado ou residir no subúrbio é um fator identitário (Brandão, 2004) e razão de estigma social (Gohn, 1985). No imaginário dos moradores dos grandes centros urbanos, a periferia é um local pobre, sujo, no qual residem apenas os trabalhadores desqualificados, marginais e contraventores; indivíduos que, invariavelmente, são incultas, possuidoras de mau gosto estético, negras ou mestiças e, muito provavelmente, evangélicos pentecostais (Zaluar; Alvito, 2006).

Este imaginário, composto pelos aspectos simbólicos e significantes, permeia o processo de estruturação da vida cotidiana, de todo o tecido social e as relações de trabalho. Ele vai além do produto da imaginação, diz respeito a uma dimensão cognitiva (Lapierre, 1989, p. 7). Por definição, o imaginário é o conjunto de imagens que se concentra a fomenta todas as criações do pensamento humano, dado que o objeto não se apresenta em aspectos físicos à sensibilidade, mas parece estar presente no espí-

rito, como na percepção ou na simples sensação (Durand, 1993, p. 7).

Este imaginário sobre a Baixada Fluminense tem forte impacto na construção identitária dos seus habitantes e nativos, bem como nas suas interações sociais, como as relações de trabalho, objeto desta pesquisa. As revelações do campo são apresentadas a seguir.

## REVELAÇÕES DO CAMPO

### Vergonha + Resignação + Revolta = Assujeitamento

A apreensão de como os moradores da periferia se reconhecem foi viabilizada por meio da análise das entrevistas. A maior dificuldade, por parte dos pesquisadores, foi interpretar a linguagem usada pelos seus interlocutores, dado que a mesma é uma prática social e só pode ser entendida como contexto social e interacional (Authier-Revuz, 1995), e de construção histórica, quando no sentido foucaultiano. Em outras palavras, buscamos interpretar a linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais os entrevistados produziram sentidos e se posicionaram nas relações sociais cotidianas.

A análise do discurso das histórias de vida dos entrevistados, as observações e interações sociais revelaram que, no caso dos moradores da Baixada Fluminense, ocorre um deslocamento identitário quando eles se inserem no mercado de trabalho. Este processo resulta do fato de a periferia e sua cultura serem desqualificadas e, sistematicamente, estereotipadas como um mero lugar precarizado, pelo discurso predominante nas produções culturais: livros, jornais, filmes e novelas. Assim, na tentativa de minimizarem a discriminação social da qual se percebem vítimas, bem como para entrar, se inserir socialmente e progredir no mundo corporativo das grandes empresas, os “nativos” e “residentes” da periferia buscam adequar-se aos padrões de identidade socialmente impostos incorporando a cultura do *mainstream*: hábitos de compra e comportamentos, bem como do controle de seus próprios corpos: jeito de falar e gesticular (Foucault, 1995).

A estratégia de aceitação social utilizada pelos entrevistados, a conformação às normas de conduta ascética revela-se falha e dolorosa, pois, por um lado, as relações de trabalho impõem um processo contínuo de disciplinamento e normalização dos corpos; entretanto, os colegas de trabalho que pertencem “ao centro” percebem este mimetismo social como um simulacro, uma farsa, uma pantomima. Por outro lado, a família e o círculo de amigos, os quais ainda residem no local de origem,

rejeitam a nova postura social do “filho pródigo”, a qual classificam como arrogante e ingrata, já que a mesma significa uma rejeição “às origens, família e amigos”. Há, ainda, o custo psicológico do fracasso, como ficou patente no seguinte fragmento de discurso de uma entrevistada:

(01) *Era difícil conseguir um emprego bom, numa empresa boa, aqui no Rio. Você sabe, na Baixada só tem a REDUC e mesmo assim não é grande coisa. Sempre quis o mercado pesado, empresa multij, trabalhar com o marketing (...) para entrar foi um sufoco, sempre falavam que eu morava longe, que ia chegar tarde, não ia ficar até mais tarde (...) depois foi difícil de ser aceita, sempre rolava uma piadinha sobre eu morar fora do Rio, diziam que eu não pagava IPTU, pagava ITR (...) me casei e vim morar no Rio, mas não adianta muito não, sabe como é que é, né? A gente pode sair de Nova Iguaçu, mas Nova Iguaçu nunca sai de dentro da gente.* (E4)

Esta entrevistada revelou-se a mais ambiciosa de todos, ao longo da conversa ela reiterou diversas vezes a vontade de sair da Baixada, se mudar para o Rio, trabalhar numa empresa multinacional e ascender profissionalmente. Neste percurso profissional, o fato de residir na periferia revelou-se a reificação do “teto invisível”, conforme explicitado na seleção lexical “para entrar foi um sufoco”.

Nova Iguaçu é um dos maiores municípios da Baixada Fluminense e, invariavelmente, é referido como manancial de empregados domésticos e mão-de-obra (propositalmente, valemo-nos do termo funcionalista) barata para o Rio de Janeiro (Zaluar; Alvito, 2006). Mais do que uma discriminação geográfica, a barreira de entrada no trabalho, a segregação nas relações de trabalho, travestidas pelo humor (Saraiva; Irigaray, 2009), revelam a formação social urbana brasileira. Esta é caracterizável por um confronto de classes sociais, o que implica na existência de “posições políticas e ideológicas, as quais não são feitas de indivíduos, mas que mantêm entre si as relações de antagonismo e dominação” (Althusser, 1965).

As relações de dominação, construídas historicamente, podem ser reconhecidas em dois níveis: a) nas formas linguísticas ditas e b) na produção e na circulação do sentido. No primeiro caso, jaz a imposição histórica de uma língua, imposição de gênero, de prática languageira (Charaudeau; Mainguenu, 2004). Na segunda circunstância, observa-se que alguns objetos de discurso, ou referentes, têm uma legitimidade social importante e geram numerosos discursos (Ebel; Fiala, 1983), os quais são situados no “horizonte social” (Bakhtin, 2010).

A linguagem como instrumento de discriminação e dominação foi o eixo centro do seguinte depoimento:

(02) *Sinto vergonha até de abrir a boca, me dei conta de como falo errado, eu falo ‘tamém’ e não ‘também’. Virei motivo de piada. Se não me levam a sério como vou poder ser promovido?* (E1)

A seleção lexical “vergonha até de abrir a boca” indica, sob uma ótica empírica, que a prática languageira (Charaudeau; Mainguenu, 2004) destes sujeitos são determinadas e regidas pelo social e que o falar não é apenas uma atividade representacional, mas um ato pelo qual se instaura – ou modifica-se – a ordem das coisas e as relações sociais. Mais do que um instrumento de comunicação e representação do mundo, a linguagem passa a exercer a função de controle (Foucault, 1995) e reificação da assimetria de poder nas interações de trabalho, dado que ela constitui um espaço estrutural fechado, pois é, sistematicamente, invadida por elementos provenientes de outros lugares (Pêcheux, 1983); e jaz, fundamentalmente, na ideologia da sociedade na qual se insere (Foucault, 1969).

A rigor, nas interações sociais dentro do ambiente de trabalho, E1 percebe que suas origens são denunciadas pelo seu modo de falar, conforme explicitado na seleção lexical “eu falo tamém e não também”. Esta contextualização de seu discurso decorre do fato de as crianças das classes sociais mais favorecidas serem mais rapidamente, e mais cedo, expostas a enunciados descontextualizados (código elaborado), enquanto as crianças das classes populares são educadas nos discursos contextualizados (código restrito).

A análise dos discursos dos entrevistados impeliu-nos a resgatar o conceito de “formação languageira” (Pêcheux, 1983), uma vez que este concebe a linguagem como sendo, simultaneamente, um instrumento de coação e de pressão sobre a sociedade. Se optarmos por uma análise marxista, podemos asseverar que a organização econômica das sociedades (infraestrutura) determina e condiciona a linguagem e as línguas, as quais são elementos ideológicos que, de fato, pertencem à superestrutura. Assim, o social determina o linguístico, que é o seu reflexo. Por outro lado, ao restringirmo-nos ao deslocamento identitário dos moradores da periferia, nossa proposta original, constatamos que o mesmo tem como eixo principal o conceito de capital simbólico (Bourdieu, 1982), dado que este foca nas correlações observadas entre as práticas languageiras e culturais e o pertencimento social,

essencialmente graças ao conceito de *“habitus social”*. Esses são conjuntos de disposições incorporados no momento da socialização e que configuram ou predispoem as práticas culturais.

Os fragmentos de discurso dos entrevistados E1 e E4 indicaram a primeira categoria emergente, em nossa análise: a vergonha. Este sentido desvela o fato de as identidades destes indivíduos serem construídas a partir de um jogo de imagens, cujo domínio (no sentido da física ótica) são as normas, valores e padrões dominantes da sociedade burguesa. Jaz aí o princípio da alteridade, dado que estes sujeitos se valem da diferença para se definirem como *“ser”*, ou seja, nas palavras de Ricoeur (1990, p. 13) *“o ‘eu’ não pode tomar consciência do seu ser-eu a não ser porque existe um não-eu que é o outro, que é diferente”*.

As diferenças sociais são, sistematicamente, marcadas e reforçadas, pois servem como base de controle, rejeição e ridicularização, atitudes as quais tendem a ser mascaradas a atenuadas pelo humor (Saraiva; Irigaray, 2009). No fragmento (02), a seleção lexical *“virei motivo de piada”* revela a ocorrência de uma modalização autonímica (Authier-Revuz, 1995), isto é, a tensão entre o *outro* e o *um* explicitada no *“discurso real das não-coincidências do dizer irredutíveis e permanentes, onde elas afetam o dizer, que se produz o sentido”* (Authier-Revuz, 1995, p. 804),

O mesmo humor que representa uma barreira à ascensão profissional do interlocutor E1, conforme explicitado na seleção lexical *“Se não me levam a sério como vou poder ser promovido?”* também revela-se uma barreira de interação social com sua família e amigos de infância, como desvelado no seguinte fragmento de discurso:

(03) *Eu sempre achei que devia vencer na vida para dar uma vida melhor aos meus pais, me sujeito a passar horas no trânsito, enfrentar a maior barra no trabalho, como já te disse, mas quando volto para casa, também fico ouvindo piadinhas tipo: ‘tá ficando metido, hein’, ‘agora tu é bacana, tá até parecendo os playboyzinhos da zona sul’. Meus colegas de infância, na hora da pelada, perguntam se vou jogar de salto alto ou de algum tênis de bacana. Juro que nem sei mais quem sou, se estou lá no trabalho, sou o cara da Baixada, que mora mal, cafona, que tem amigos traficantes – que nem tenho. Se estou aqui em casa, virei mauricinho. Não tenho mais casa, sou um eterno turista (E1).*

Neste fragmento de discurso, E1 denuncia os custos psicossomáticos dos moradores da periferia. Fisicamente, morar longe do centro significa a dor

de um árduo deslocamento urbano. Psicologicamente, estes sujeitos perdem a referência identitária. No ambiente de trabalho, eles são categorizados e discriminados por conta do imaginário burguês da periferia como um lugar precarizado social e economicamente (Alves, 2003). No lugar de origem, eles não são mais reconhecidos como membros daquela comunidade e são rejeitados por representarem a elite dominante, como evidenciado na ironia existente nas seleções lexicais *“playboyzinho da zona sul”* e *“mauricinho”*. Este dilema identitário refuta o paradigma cartesiano-iluminista do sujeito autônomo, *a-histórico* e *a-social*. O indivíduo E4 representa toda uma multidão de indivíduos que são, na realidade, assujeitados pelas estruturas de poder serializantes, as quais nos governam e adestram (Foucault, 1991).

Desta forma, os moradores da periferia não são assimilados como pertencentes aos ambientes de trabalho do centro, a eles é reservado o papel de visitantes, dado que há uma ruptura entre eles e o lugar em si. Assim, a carga denominativa do lugar se impõe a estes visitantes, conforme explicitado na seleção lexical *“sou um eterno turista”*, de tal forma que as significações atribuídas pelo sujeito não interfiram no seu significado constituinte (Augè, 1994). Neste sentido, ficou patente a existência de três dimensões neste processo de deslocamento identitário: o *lugar*, o *não-lugar* e o *entre-lugar*.

Por definição, *lugar* é uma parcela do espaço apropriada da vida, o qual possui identidade, portanto, é um produto humano (re)produzido na relação entre espaço/sociedade, entre indivíduo/grupo (Castrogiovanni, 2007). Já o *não-lugar* é a ausência do lugar em si, uma vez que os sujeitos não-locais (visitantes) não detêm a prerrogativa de circunscrever e constituir os elementos do lugar (Castrogiovanni, 2007). A seu modo, o *entre-lugar*, cujo caráter é temporal, tem o papel de aproximar o *significante* do lugar, e sua representação se dá a partir da capacidade dos sujeitos estabelecerem relações entre seu lugar e o lugar do outro (Castrogiovanni, 2007). Aqui corroboramos com Lacan, cuja definição de *significante* é *“o que representa um sujeito para outro significante, ou seja, o que coloca o sujeito entre dois significantes, como algo que desliza na cadeia significante”* (Lacan, 1998, p. 45).

Este deslizamento se fez presente nas três categorias que emergiram com a análise dos discursos, dado que elas remeteram a um conflito identitário: *“vergonha”*, *“resignação”* e *“revolta”*. Estas três categorias tem como eixo central as discussões de dominação e relações assimétricas de poder. Nesta pesquisa, a grande categoria (categoria axial) foi denominada *“autoidentificação por assujeitamento”*.

Em seus discursos, os moradores da Baixada Fluminense deixaram evidentes que têm consciência de que seu lugar de origem – ou residência – é motivo de desqualificação pessoal e profissional. Conforme evidenciado nos fragmentos de discursos (01), (02) e (03), esta aquiescência resulta num sentido de vergonha, o qual se desdobra simultaneamente em *resignação* e *revolta*. O primeiro destes sentimentos pautou a seguinte fala:

(04) *Eu acabo acreditando que as pessoas têm razão. Quando volto para casa acho tudo aquilo feio, cafona, mas dá para ser de outra forma? As coisas são como são e sempre serão assim. Eu pelo menos tive a oportunidade de conseguir um emprego aqui no centro, numa empresa grande. Meus amigos de infância nunca vão sair de Caxias* (E9).

O fragmento de discurso (04) indica que esta entrevistada se resignou não “*pelas coisas serem como são*”, mas pelo fato de ela, individualmente, ter conseguido um emprego numa grande empresa, no centro.

Ao cruzarmos esta categoria emergente com os dados psicográficos dos entrevistados, constatamos que a maioria era mulher, casada, com filho, com mais tempo de mercado e religiosa. Neste sentido, nos questionamos em que medida a *resignação* não é uma moeda de barganha para sobreviver no mercado de trabalho. Até que ponto a postura de humildade não é usada nas relações de trabalho como um instrumento de defesa (coibindo o ataque)? Até que ponto não são um *footing* (Goffman, 1987, p. 137), cujo objetivo é sinalizar que estão disponíveis para qualquer tarefa que lhe for solicitada ou ordenada? Esta postura resignada, adotada por ocasião de um “encontro social”, tornariam observáveis as “qualidades sociais que se requerem dos participantes” (Goffman, 1987, p. 135).

Quando a entrevistada E9 vale-se da seleção lexical “*acreditando que as pessoas têm razão*”, ela deixa de ser apenas o sujeito-falante (aquele que exerce a atividade da linguagem), e passa a ser o sujeito do discurso. Este não se pertence, *ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina* (Pêcheux, 1975, p. 228), ou seja, o sujeito é sobredeterminado por pré-construídos ideológicos, o que Pêcheux (1975, p. 223) denominou *Efeito Münschausen*.

A categoria *resignação* também emergiu por meio da dêixis discursiva, ou seja, a localização e a identificação de pessoas em relação ao contexto espaço-temporal, criado e mantido pelo ato de enunciação (Lyons, 1980, p. 261). Foi exatamente o que ocorreu no seguinte fragmento discursivo:

(05) *Eu não me sinto um deles, apesar de trabalhar aqui, me vestir como eles e me esforçar para agir como eles... nunca fui escalada para u m a viagem de negócios, nem me chamam para os happy hours ou sair com eles de noite. Para falar a verdade, chamar chamam, mas se eu sair daqui do centro às 10 da noite, a hora que eu chegar em casa já tenho que estar me arrumando para voltar (...) Espero que eles sejam felizes por viverem neste mundo de aparências* (E16).

Nesta fala, a entrevistada E16 reconhece seu desejo de pertencer ao “outro mundo”, pois julga-se discriminada nas relações de trabalho por residir longe do centro, como ela denuncia nas seleções lexicais “*never fui escalada para uma viagem de negócios*”, “*never me chamam para os happy hours ou sair com eles*”. Esta interlocutora demonstrou-se capaz de se posicionar como sujeito, uma vez que, invariavelmente, ela explicitou sua posição por meio do pronome “eu”. Conforme asseverou Beneviste (1966, p. 259): “a consciência de si só é possível quando ela se testa por contraste”, e este confronto resulta em abnegação, em *resignação*, explicitado pelas seleções lexicais “*Para falar a verdade, chamar chamam, mas se eu sair daqui do centro às 10 da noite*” e “*espero que sejam felizes neste mundo de aparências*”. Neste último fragmento de fala, ao valer-se do plural (sujeito oculto eles), a entrevistada E16 explicitou uma generalização dos seus antagonistas, o que evidencia que tanto os moradores do centro quanto os da periferia trabalham mentalmente com arquétipos, representações sociais.

As representações sociais, ou representações coletivas, “organizam os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos, de exibição do ser social por meio de rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que os tornam visíveis” (Charaudeau; Mainguenu, 2004, p. 433). No limite, elas constroem uma organização do real por meio das próprias imagens mentais veiculadas por um discurso; desta forma, elas estão incluídas no real e são dadas pelo real (Charaudeau, 1997). Estes discursos sociais podem se configurar de maneira explícita, por meio de signos emblemáticos (Bourdieu, 1979); ou de maneira implícita, por alusão ou gestos dêiticos. As representações sociais, bem como os discursos que delas decorrem, desempenham um papel identitário, ou seja, constituem a mediação social, a qual permite aos membros de um grupo construir uma consciência de si e que parte de uma identidade coletiva.

A existência destas duas representações sociais antagonicas ficou patente, nitidamente, no seguinte fragmento de discurso:

(06) *É tão simples assim: eles têm o mundo deles; nós temos o nosso. Posso trabalhar no meio deles; eles podem vir aqui para a quadra da Grande Rio sambar, a gente fica junto, mas não se mistura. É como água e óleo, entende?* (E3)

A seleção lexical “eles têm o mundo deles, nós temos o nosso” é fundada numa expressão anafórica, ou seja, *aquela cuja interpretação referencial depende de outra antecedente* (Kleiber, 1993, p. 22). O uso desta anáfora coreferencial revela um relacionamento cognitivamente determinado, cuja significação é fornecida pelo contexto extralinguístico do vocábulo “mundo”.

O fragmento de discurso (06) mostrou-se valioso por denunciar a incompatibilidade dos dois mundos, a qual se revelou pelo uso da polifonia (Bahktin, 2010), já que o interlocutor E3 demonstrou-se capaz de “falar várias vozes” (*trabalhar e sambar*) e objetivou fazer os receptores, no caso os pesquisadores, realizarem a existência de conflitos (seleção lexical “*entende?*”). Assim, ficou patente a existência de dois pontos de vista contraditórios em jogo, um positivo e outro negativo, sendo que o emissor (E3) se associa a este último.

Além da “*vergonha*” e da “*resignação*”, a terceira, e última, categoria que emergiu deste confronto de representações coletivas foi a “*revolta*”, a qual, em alguns momentos, foi expressada com expressões faciais e tons de voz de fúria. O que é sintomático, pois a “*fúria não é de modo algum uma reação automática diante do sofrimento, ela apenas irrompe quando há boas razões para crer que tais condições poderiam ser mudadas e não são*” (Arendt, 2010, p. 53). Este foi o mote do seguinte fragmento de discurso:

(07) *Vira e mexe a gente ouve uma piadinha: terra de ninguém, lugar que só tem bicheiro, justiceiros, gente cafona, mal vestida e que vai a baile funk. Isso me deixa puto, porque quando estas Patricinhas e estes Mauricinhos enfiam o pé na jaca dançando [funk] até o chão, quando vão aos shows da Tati Quebra-Barraco, Deise Tigrone e companhia, é moda; quando somos nós, os locais, daí é cafona, pobre, ridículo. Dois pesos, duas medidas.* (E11)

A revolta deste entrevistado, explicitada pela seleção lexical “*isso me deixa puto*”, decorre da percepção que sua cultura e seus valores só são valorizados quando incorporados pela classe dominante; assim como as palavras, as quais mudam de sentido quando passam de uma formação discursiva para outra (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971, p. 102). É na formação discursiva, e paralelamente

no mundo da vida (Arendt, 2010), que se opera o assujeitamento, a interpelação do sujeito como sujeito ideológico.

No entanto, seria um equívoco pensarmos que este comportamento de revolta seja a manifestação de uma luta de classes. Este fenômeno marxista só se fez presente no discurso mais politizado de E11. Nas outras quatro falas em que esta categoria emergiu, a revolta se direcionava pelo fato da não-aceitação no mundo da “elite” e, especificamente, por se sentirem prejudicados nas relações de trabalho. Esta situação foi explicitada no seguinte fragmento de discurso:

(08) *Fui educado na melhor escola de Caxias, mas fiz faculdade e trabalho no Rio (...) Quando estou aqui [no Rio] acho as pessoas diferentes e elas também me tratam como se fosse um estrangeiro; mas não um gringo expatriado; me tratam como se eu fosse um desses africanos ilegais que vivem de bico, na Lapa. Garanto que moro melhor e tenho muito mais grana do que muitos desses meus colegas de trabalho; mas parece que para o meu chefe e meus colegas nada disso importa (...) eles estudaram na mesma escola, frequentam os mesmos lugares, têm amigos em comum, é o famoso networking, saca? Sou carta fora do baralho. Acha que isso não revolta? Que não dá vontade de meter uns sopapos na cara de um.* (E9)

Mais uma vez a fúria, explicitada na seleção lexical “*dá vontade de meter uns sopapos na cara de um*”, se faz presente. Entretanto, neste caso, a revolta do interlocutor jaz no fato de, apesar de ter o mesmo nível econômico de seus colegas de trabalho e, conseqüentemente, poder acompanhá-los nos programas e eventos, E9 se percebe alijado e excluído das relações de trabalho (“*sou carta fora do trabalho*”), por não compartilhar do mesmo registro social de seus pares; o qual, neste caso, é reificado pelos ambientes e amigos em comum (“*eles estudaram na mesma escola, frequentam os mesmos lugares, têm amigos em comum*”).

Mas será que é tão simples assim? Será que ser oriundo da Baixada Fluminense, ou lá residir, é uma categoria identitária uniforme, sólida e homogênea? Ou será que este traço identitário em comum é apenas um pano de fundo que mascara uma dinâmica social muito mais complexa? Esta foi outra revelação do campo.

## AS MÚLTIPLAS FACES DA PERIFERIA

Analisar indivíduos por meio de uma única característica homogênea compartilhada pelos mesmos, seja característica física, social ou comportamental, resulta em análises simplistas e equivocadas (Irigaray, 2008). Isto não se provou diferente nesta pesquisa.

Em nenhum momento pretendemos, neste estudo, generalizar os resultados de nossas pesquisas; pois apenas o fato de se nascer ou morar na Baixada Fluminense não define os indivíduos. Há pessoas de alto poder aquisitivo, empresários do setor alimentício, educação e de transportes e que, por possuírem capital econômico e simbólico (Bourdieu, 1982), não experimentam o deslocamento identitário que esses alunos relataram. Os sujeitos pesquisados pertencem, em sua grande maioria, à baixa classe média. Foram homens e mulheres, de diferentes idades, etnias e tempo de mercado. Todos estes indivíduos relataram sofrer discriminação em função do que a Baixada Fluminense simboliza para os habitantes do município do Rio de Janeiro, notadamente da Zona Sul. Este simbólico pode ser dimensionado pelo seguinte fragmento de discurso: (10) *“Já ouvi alguns dos meus funcionários falarem: o que adianta ser gerente se mora mal. O cara se esconde lá [som estendido] na Baixada”* (E4).

A seleção lexical “o cara se esconde lá na Baixada” evidencia que a região é percebida, unicamente, como um lugar precarizado, no qual ninguém que exerça uma chefia – e, conseqüentemente, ganhe mais – moraria por livre e espontânea vontade. Os estereótipos da região e de seus habitantes também são expostos por meio de pretensos elogios, como na situação a seguir: (11) *“Engraçado que, sempre que venho ao Rio as pessoas dizem que eu não pareço da Baixada, porque sou branquinho, tenho cabelo bom e me visto bacaninha”* (E1).

O fragmento de discurso anterior (11) foi obtido logo na nossa primeira entrevista, o que nos atentou para o fato de a periferia, na visão das classes dominantes, ser um *topos* reservado para os negros, os quais, historicamente, tiveram seus capitais econômico e sociais sequestrados (Zaluar; Alvito, 2006). Metaforicamente, seria a reificação contemporânea da casa grande e senzala.

Esta dúvida foi dirimida quando entrevistamos um negro, cujo fragmento de discurso é apresentado a seguir:

(12) *Não é só uma questão de morar na Baixada e ser pobre. É uma questão de cor. Acima de tudo eu sou negro (...) Você chega para trabalhar e no escritório só tem bran-*

*quinho, mauricinho, patricinha. As roupas são diferentes, rico tem cheiro de rico. Você se sente um OVNI. Se lembra de uma aula que o E1 disse, quase que com orgulho, que ninguém diria que ele é da Baixada? Não é o meu caso, as pessoas olham para mim e sabem que sou pobre. Na cabeça dela qual negro, mal vestido é normal, estranho seria se não fosse (...) mas eu sou discriminado por brancos que moram tão mal quanto eu [em Nilópolis, na Baixada Fluminense] e, também, por negros que moram na Zona Sul* (E6).

Em nenhum outro fragmento de discurso a multiplicidade de identidades sobrepostas e simultâneas (Baudrillard, 1971) ficou tão evidente. Em seu depoimento, especificamente na seleção lexical “sou discriminado por brancos que moram tão mal quanto eu e, também, por negros que moram na Zona Sul”, E6 deixou claro que local de origem, classe social e etnia, por si só, não criam cumplicidade e solidariedade entre seus pares. Portanto, percebe-se a inexistência de uma identidade coletiva dos trabalhadores como classe e, conseqüentemente, os pares (negros, pobres, periféricos) negam – ou recusam-se a enxergar - o sofrimento alheio. Talvez esta seja uma estratégia de calar, atenuar ou mascarar o próprio sofrimento.

Este fragmento de discurso (12) também viabilizou a reconstrução das partituras que subjazem à execução das interações particulares, notadamente nos ambientes de trabalho. As seleções lexicais “no escritório só tem branquinho, mauricinho, patricinha”, “as roupas são diferentes, rico tem cheiro de rico” e “você se sente um OVNI” evidenciam as dificuldades que E6 encontra para se inserir e interagir (Goffman, 1973) no escritório no qual trabalha. Na realidade, ele sofre uma discriminação de segunda ordem (ser negro e pobre).

Local de origem e residência provaram ser apenas um dos componentes que estruturam as identidades dos indivíduos; por isso, seria um equívoco isolá-lo. Desta forma, para responder a pergunta investigativa deste estudo, ou seja, como o deslocamento identitário se manifesta nas relações de trabalho, buscamos diagnosticar a categoria axial que permeou todos os discursos. Esta foi denominada *autoidentificação por assujeitamento*.

Esta categoria principal emergiu por termos utilizando a Análise Automática do Discurso como ferramenta metodológica. Esta apoia-se no materialismo histórico, todavia, isto não significa que tenhamos nos detido ao enfoque *stricto sensu* da visão marxista da sociedade industrial, na qual a produção de riqueza jaz exclusivamente no anta-

gonismo capital/trabalho, nas hierarquias sociais, na responsabilidade organizada e na racionalidade científica (Gramsci, 1971). Nesta pesquisa, incorporamos o conceito de sociedade de risco (Beck, 1998; Giddens, 1998) e pós-moderna (Bauman, 1993).

Assim, a categoria axial surgiu por conta da modernização reflexiva, a qual se caracteriza pela emergência de novas linhas de conflitos sociais e de coalisões políticas, bem como na noção de que a produção de riqueza se dá por meio da produção de risco. A *autoidentificação por assujeitamento* revela a existência de uma dinâmica de antagonismos não apenas entre o capital e o trabalho, mas também observa-se a polarização dentro do capital (centro) e também dentro do trabalho (periferia), e a inexistência de *sujeitos revolucionários*.

Esta última afirmativa é resultado das três categorias emergentes: *vergonha*, *resignação* e *revolta*. Em todas elas, percebeu-se a aquiescência com a lógica dominante, bem como a introjeção dos valores, normas, senso estético e discurso da dita classe dominante. Em nenhum momento, os entrevistados mostraram-se indignados com o modelo de produção existente, nem propuseram alguma alternativa; o que demonstraram – textualmente e também pelo comportamento mimético – foi a insatisfação de não pertencerem à elite ou não serem reconhecidos como membros do *mainstream*.

O fracasso de suas estratégias de inserção na dinâmica das relações de trabalho, da criação de uma identidade social genuína e valorizada e, principalmente, a percepção de si por meio da alteridade denunciam que estes indivíduos se sujeitam a existir e agir num espaço previamente reservado para eles, o denominado assujeitamento (Foucault, 1991). Estes sujeitos estão longe de ser o sujeito laciano, que está lá para desejar, e esse é o desejo do outro que lhe atravessa sem pedir permissão.

Os nativos e habitantes da periferia, quando inseridos no mercado de trabalho das médias e grandes empresas no centro da cidade do Rio de Janeiro, revelaram-se sujeitos sociais subalternizados, periferizados, produzidos socialmente; seus corpos e comportamentos são interpretados, acessados, disciplinados e representados, alheios a sua vontade, por meio de símbolos, valores e signos fabricados por uma sociedade engenhosamente pensada para fins de dominação.

Estes elementos simbólicos, discursivos, imaginários, cênicos e pictóricos permeiam todo o universo das relações sociais e, especialmente no mundo do trabalho, encontram o amálgama político que serve para consolidar espaços, grupos, líderes e, no limite, relações de trabalho assimétricas e injustas.

Este é o desafio para os administradores e acadêmicos, que priorizam a ética sobre os resultados: é possível elaborarmos políticas, redesenharmos práticas e processos organizacionais, no sentido de realmente incorporarmos todos os empregados no *corpus* organizacional? Esta é nossa proposta para uma futura agenda de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio Uma História de Violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH/CLIO, 2003.
- ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. Paris: Maspéro, 1965.
- ARENDRT, Hanna. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
- AUGÈ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ce mots qui ne vont pas de soi – Boucles réflexives et non-coïncidence du dire*. Tome 1 et 2. Paris: Larousse, 1995.
- BAKTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2010. Disponível em: <http://www.pdfqueen.com/pdf/marxismo-e-filosofia-da-linguagem-bakhtin/>
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa Jane (ed.). *The politics of the risk society*. Polity Press: Cambridge, 1971.
- BOJE, David. *Stories of the Storytelling Organization: A Postmodern Analysis of Disney as “Tamara-Land”*. *Academy of Management Journal*, 38:4, p. 997-1035, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BRANDÃO, André. *Miséria da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- BRIGHAM, John (1974). *Views of black and white children concerning the distribution of personality characteristics*. *Journal of Personality*, 42:144-158, 1974.
- BROVERMAN, Inge; VOGEL, Susan; BROVERMAN, Donald et al.. *Sex stereotypes: A current appraisal*. *Journal of Social Issues*, 28, p.59-79, 1972.

- CALAS, Marta; SMIRCICH, Linda. Past Modernism? Reflections and Tentative Directions. *Academy of Management Review*, vol. 24, n. 4: 649-671, 1999.
- CALDEIRA, Teresa. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTROGIOVANNI, Antonio-Carlos (2007). Lugar, No-Lugar y Entre-Lugar: los angulos del aspectos turísticos. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, v.16, p.5-25, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours d'information médiatique*. La construction du miroir social. Paris: Netan-INA, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.
- DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- EBEL, M.; FIALA, P. *Sous les consensus, la xénophobie*. Lausanne: Institut de Sciences Politiques, 1981.
- EDWARDS, M.; WATSON A. Psychosocial aspects of cleft lip and palate. In: EDWARDS, M.; WATSON, A. C. H. (Ed.). *Advances in the management of cleft palate* (pp. 108-122). New York: Churchill Livingstone, 1980.
- FOLEY, James. Effect of labeling and teacher behavior on children's attitudes. *American Journal of Mental Deficiency*, 83: 380-384, 1979.
- FORTIN, Robin. *Compreender a Complexidade: introdução ao método de Edgar Morin*. Lisboa: Piaget, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1991.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GIDDENS, Anthony. Affluence, poverty, and the idea of post-scarcity society. *Development and Change*, vol. 27, p.365-377, 1998.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1963.
- GOHN, Maria da Glória. *A força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HARRIS, Mary; HARRIS, Richard; BOCHNER, Stephen. Fat, four-eyed, and female: Stereotypes of obesity, glasses and gender. *Journal of Applied Social Psychology*, 12, p. 503-516, 1983.
- HEREK, Gregory. Beyond "Homophobia": a social psychological perspective on attitudes towards lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 10 (1/2): 1-21, 1984.
- IBGE [online]. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).www.ibge.gov.br. Acesso em: 19 abr. 2010.
- IRIGARAY, Hélio (2008). Discriminação dos Gays no Ambiente de Trabalho: Apenas Uma Questão de Orientação Sexual? In: ENCONTRO DA DIVISÃO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. Salvador, 2008. **Anais...** Salvador, 2008.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAPIERRE, Laurent. Imaginário, Administração e Liderança. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, vol. 29 (4), p. 5-16, 1989.
- MORIN, Edgar. *O Método 1*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- NEWMAN, Joseph. Faculty attitudes toward handicapped students. *Rehabilitation Literature*, 37:194-197, 1976.
- PECHEUX, Michel. *Les Vérités de la Palice. Linguistique, sémantique, philosophie*. Paris: Maspèro, 1975.
- PECHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pecheux*, 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993, p.163-252.
- PUTNAM, Linda; FAIRHURST, Gail. Discourse analysis in organizations: issues and concerns. In: JABLIN, Francis; PUTNAM, Linda. (Ed.). *The new handbook of organizational communication: advances in theory, research and methods*. Thousand Oaks: Sage, 2001.
- RICOEUR, Paul. *Les activités mentales*. Paris: Armand Colin, 1990.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: EdUSP, 2008.
- SARAIVA, Luís; IRIGARAY, Hélio (2009). Humor e Discriminação por Orientação Sexual nas Organizações: Um

O DESLOCAMENTO IDENTITÁRIO DOS MORADORES DAS PERIFERIAS NO BRASIL: UM JOGO DE IMAGENS  
COMO EFEITO DO ASSUJEITAMENTO

Estudo sobre Histórias de Vida. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 23, São Paulo, 2009. **Anais...** São Paulo, 2009.

SCOTT, Robert. *The making of blind men: A study of adult socialization*. New York: Russell Sage Foundation, 1969.

SPINK, Mary Jane. *Linguagem e Produção do Sentido Cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.